

O ANÔNIMO DE TODOS OS NOMES: REFLEXÕES SOBRE A HETERONÍMIA

Diego Cardoso Perez¹, Lucca Tartaglia²

RESUMO

A partir das páginas íntimas, das passagens de auto-interpretação, recolhidas por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, e de alguns apontamentos teóricos - ou de natureza teórica - deixados por Fernando Pessoa, objetivamos ponderar acerca do processo heteronímico, considerando, sempre que possível, outros textos do poeta, como poemas e cartas, no intuito de melhor apresentar a sua visão sobre o próprio exercício criativo e no que diz respeito ao seu projeto literário. Visando um diálogo, ainda que breve, com estudiosos e pesquisadores da heteronímia, e buscando, nesse contato, melhor fundamentar nossas reflexões, recorreremos a textos de Eduardo Lourenço - principalmente, "Fernando Pessoa ou o Eu como ficção" (2015) - José Augusto Seabra - *O heterotexto pessoano* (1985), *Fernando Pessoa ou o poetodrama* (1991) - e Perrone-Moisés - *Fernando Pessoa: alguém do eu, além do outro* (1990) - bem como a outras leituras que, mesmo não aparecendo de forma direta no decorrer de nossa análise, contribuíram para o desenvolvimento das ideias apresentadas e da perspectiva que as informam.

Palavras-chave: Literatura portuguesa. Poesia moderna. Fernando Pessoa. Heteronimísmo.

THE ANONYMOUS OF ALL NAMES: REFLECTIONS ON THE HETERONOMMY

ABSTRACT

From the intimate pages and passages of self-interpretation, collected by Georg Rudolf Lind and Jacinto do Prado Coelho, and from some theoretical notes left by Fernando Pessoa, we aim to ponder on the heteronymic process, always considering other texts of the poet, such as poems and letters, in order to better present his vision about his own creative exercise and with regard to his literary project. Aiming at a dialogue, however brief, with scholars and researchers of heteronymy, and seeking, in this contact, to better ground our reflections, we will resort to texts by Eduardo

¹ Mestrando em Estudos literários pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). diego.tasloi@gmail.com

² Doutorando em Letras vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). lucartartaglia@gmail.com

Lourenço – mainly, “Fernando Pessoa ou o Eu como ficção” (2015) – José Augusto Seabra – *O heterotexto pessoano* (1985), *Fernando Pessoa ou o poetodrama* (1991) – and Perrone-Moisés – *Fernando Pessoa: alguém do eu, além do outro* (1990) – as well as other readings that, even appearing directly in the course of our analysis, contributed to the development of the presented ideas and the perspective that inform them.

Key words: Portuguese literature. Modern poetry. Fernando Pessoa. Heteronimism.

Assim como “pensar em Deus é desobedecer a Deus” (PESSOA, 1993b, p. 31), refletir sobre o processo de criação da heteronímia³ pessoana é, de certa maneira, desobedecer à própria heteronímia. Em *Poemas completos de Alberto Caieiro*, num fragmento recolhido por Teresa Sobral Cunha, Pessoa adverte:

A atitude, que deveis tomar para com estes livros publicados, é a de quem não tivesse lido esta explicação, e os houvesse lido, tendo-os comprado, um a um, de cima das mesas de uma livraria. Outra não deve ser a condição mental de quem lê. Quando ledes Hamlet, não começais por estabelecer bem no vosso espírito que aquele enredo nunca foi real. Envenenaríeis com isso o vosso próprio prazer que nessa leitura buscais. Quem lê deixa de viver. Fazei agora porque o façais. Deixai de viver e lede (PESSOA, 1994, p. 242).

Correndo o risco de macular a leitura e empeçonhar o “prazer” que nela busca, fica o leitor na dependência de um pacto ficcional, mais intensamente construído “que no caso da obra dramática de um poeta”, porque terá de contar

com “o relevo real de um autor suposto” (PESSOA, 1994, p. 242). A heteronímia seria então fingimento simples dessa figura eminente e concreta que oculta, sob o disfarce de mil máscaras, o lídimo caráter de um rosto genuíno? Seria um jogo de corredores e veredas intermináveis que serpenteiam por entre a floresta do alheamento, “num torpor lúcido, pesadamente incorpóreo, estagno, entre o sono e a vigília, num sonho que é uma sombra de sonhar” (PESSOA, 1982, p. 251), conduzindo o leitor por um caminho de ilusões, refém de seu guia, cativo de um Virgílio que, pelos círculos do inferno, o orienta segundo suas próprias tramas e maquinações e arranjos?

Ainda que o caminho percorrido pela grande maioria dos recém embarcados, “surpreendidos ou perplexos diante de seus mundos múltiplos, leitores de Alberto Caieiro, de Ricardo Reis ou de Álvaro de Campos”, possa parecer “justificar a ideia de um malabarismo sem outra finalidade que não seja a do prazer equívoco da sua reverberação” (LOURENÇO, 2015, p. 74), segundo Eduardo Lourenço,

Pessoa não foi um literato, ou uma máquina de fazer literatura, mesmo que genial. Foi um modesto empregado de escritório, sonhador, megalômano, do início do século XX, em Lisboa, com o coração, a inteligência e a alma dilacerados pelo sentimento da sua própria inexistência, experimentando, num

³ Ainda que tenhamos em conta – e reconheçamos a pertinência – do apontamento feito por Jerónimo Pizarro e Patrício Ferrari, na “Apresentação” de *Eu sou uma antologia - 136 autores ficcionais*, sobre “heteronimismo” ter siado “a palavra mecanografada por Pessoa”, utilizaremos, na presente reflexão, o termo “heteronímia”, considerando a aceitação e difusão crítica do vocábulo – ainda que o mesmo não tenha sido utilizado pelo autor de *Mensagem*. Cf. PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patrício. “Apresentação”. In: *Eu sou uma antologia - 136 autores ficcionais*. Lisboa: Tinta-da-china, 2013, p. 14.

mundo esvaziado de sentido, estranhas estratégias para se convencer de que possuía todas as vidas que os sonhadores que viviam nele podiam inventar (LOURENÇO, 2015, p. 74).

O jogo não se resumia, para Fernando Pessoa, a um corriqueiro exercício de criar personagens, mas, como ele próprio descrevera, tratava-se de um drama em gente, “drama em figura de gente” – para Lourenço, uma “ferida criadora e não apenas simples gozo de um vitorioso jogador de xadrez” (LOURENÇO, 2015, p. 74). Em defesa de si, o poeta escrevera:

Finjo? Não finjo. Se quisesse fingir, para que escreveria isto? Estas coisas passaram-se, garanto; onde se passaram não sei, mas foi tanto quanto mundo qualquer coisa se passa, em casas reais, cujas janelas abrem sobre paisagens realmente visíveis (PESSOA, 1994, p. 242).

O poeta, assim, vai de Vergílio, guia prestímano, a Dédalo desaparecido na imensidão complexa de seu labirinto - uma arquitetura movente, viva e movediça - um enigma que fascina o criador e, com olhar esfíngico e fatal, devora-o.

Narciso encantado frente ao espelho, Pessoa, envolto no próprio mistério, buscando respostas, definha aos poucos:

Não sei quem sou, que alma tenho.
Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo. Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros).
Sinto crenças que não tenho.
Enlevam-me ânsias que repudio. A minha perpétua atenção sobre mim perpetuamente me aponta traições de alma a um carácter que talvez eu não tenha, nem ela julga que eu tenho.

Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas (PESSOA, 1966, p. 93).

Mesmo para o criador, a heteronímia não era um fenômeno esclarecido. “Começo a conhecer-me. Não existo” (PESSOA, 1993c, p. 124) – disse Álvaro de Campos. A ânsia de “Sentir tudo de todas as maneiras,/ Viver tudo de todos os lados,/ Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo,/ Realizar em si toda a humanidade de todos os momentos/ Num só momento difuso, profuso, completo e longínquo” (PESSOA, 1993, p. 26), alçou o ser do poeta, exilando-o para o tártaro profundo e interdito, para o cimo do Ótris proibido, obliterando a matéria prima que guardava os segredos da gênese, fazendo com que criador e criatura se confundissem e se confundam continuamente:

Quem me roubou quem nunca fui e a vida?
Quem, de dentro de mim, é que a roubou?
Quem ao ser que conheço por quem sou
Me trouxe, em estratégias de descida?

Onde me encontro nada me convida.
Onde me eu trouxe nada me chamou.
Desperto: este lugar em que me estou,
Se é abismo ou cume, onde estão vinda ou ida?

Quem, quando por mim meus passos dados,
Entre sonhos e erros que me deu
À súbita visão dos mudos fados?
Quem sou, que assim me caminhei sem ser,
Quem são, que assim me deram aos bocados
À reunião em que acordo e não sou meu?
(PESSOA, 1956, p. 57)

Perde-se, no vale obscuro e carregado das composições, entre o engenho e a arte, o

“autor real (ou porventura aparente, porque não sabemos o que seja a realidade)” (PESSOA, 1966, p. 95). Na busca por compreender sua própria criação, Pessoa teoriza-se e estabelece, através de cartas ou de fragmentos soltos, diversas tentativas de explicar o fenômeno da heteronímia. Na obra *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, organizada por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, encontramos a seguinte passagem:

Dividui Aristóteles a poesia em lírica, elegíaca, épica e dramática. Como todas as classificações bem pensadas, é esta útil e clara; como todas as classificações, é falsa. Os géneros não se separam com tanta facilidade íntima, e, se analisarmos bem aquilo de que se compõem, verificaremos que da poesia lírica à dramática há uma gradação contínua. Com efeito, e indo às mesmas origens da poesia dramática — Esquilo, por exemplo — será mais certo dizer que encontramos poesia lírica posta na boca de diversos personagens.

O primeiro grau da poesia lírica é aquele em que o poeta, concentrado no seu sentimento, exprime esse sentimento. Se ele, porém, for uma criatura de sentimentos variáveis e vários, exprimirá como que uma multiplicidade de personagens, unificadas somente pelo temperamento e o estilo. Um passo mais, na escala poética, e temos o poeta que é uma criatura de sentimentos vários e fictícios, mais imaginativo do que sentimental, e vivendo cada estado de alma antes pela inteligência que pela emoção. Este poeta exprimir-se-á como uma multiplicidade de personagens, unificadas, não já pelo temperamento e o estilo, pois que o temperamento está substituído pela imaginação, e o sentimento pela inteligência, mas tão somente pelo simples estilo. Outro passo, na mesma escala de despersonalização, ou seja de imaginação, e temos o poeta

que em cada um dos seus estados mentais vários se integra de tal modo nele que de todo se despersonaliza, de sorte que, vivendo analiticamente esse estado de alma, faz dele como que a expressão de um outro personagem, e, sendo assim, o mesmo estilo tende a variar. Dê-se o passo final, e teremos um poeta que seja vários poetas, um poeta dramático escrevendo em poesia lírica. Cada grupo de estados de alma mais aproximados insensivelmente se tornará uma personagem, com estilo próprio, com sentimentos porventura diferentes, até opostos, aos típicos do poeta na sua pessoa viva. E assim se terá levado a poesia lírica — ou qualquer forma literária análoga em sua substância à poesia lírica — até à poesia dramática, sem, todavia, se lhe dar a forma do drama, nem explícita nem implicitamente (PESSOA, 1966, p. 106).

Dessa forma, levando em conta a divisão aristotélica, Pessoa nos apresenta os cinco graus por ele estabelecidos para a poesia lírica, enquadrando-se, ainda que não nomeadamente, no último e quinto grau, onde “teremos um poeta que seja vários poetas, um poeta dramático escrevendo em poesia lírica”. Em um dos textos preparados para a publicação da obra heteronímica, o poeta adverte:

Há autores que escrevem dramas e novelas; e nesses dramas e nessas novelas atribuem sentimentos e ideias às figuras, que as povoam, que muitas vezes se indignam que sejam tomados por sentimentos seus, ou ideias suas. Aqui a substância é a mesma, embora a forma seja diversa.

A cada personalidade mais demorada, que o autor destes livros conseguiu viver dentro de si, ele deu uma índole expressiva, e fez dessa personalidade um autor, com um livro, ou livros, com as ideias, as emoções, e a arte dos quais, ele, o autor real (ou

porventura aparente, porque não sabemos o que seja a realidade), nada tem, salvo o ter sido, no escrevê-las, o “médium” de figuras que ele próprio criou.

Nem esta obra, nem as que se lhe seguirão têm nada que ver com quem as escreve. Ele nem concorda com o que nelas vai escrito, nem discorda. Como se lhe fosse ditado, escreve; e, como se lhe fosse ditado por quem fosse amigo, e portanto com razão lhe pedisse para que escrevesse o que ditava, acha interessante — porventura só por amizade — o que, ditado, vai escrevendo.

O autor humano destes livros não conhece em si próprio personalidade nenhuma. Quando acaso sente uma personalidade emergir dentro de si, cedo vê que é um ente diferente do que ele é, embora parecido; filho mental, talvez, e com qualidades herdadas, mas as diferenças de ser outrem (PESSOA, 1966, p. 95).

“A substância é a mesma”, dramática, “sem, todavia, se lhe dar a forma do drama, nem explícita nem implicitamente” (PESSOA, 1966, p. 106). A pessoa-Pessoa fica por inter-médium e assume o caráter de ponte - via por onde segue o desfile magistral e o turbilhão incontido das personalidades, realizando uma autopsicografia:

Autopsicografia

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.
E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

(PESSOA, 1995, p. 235)

O poeta, que é um fingidor, um ficcionalizador ou, melhor dizendo – no caso pessoano – um “dramatizador”, realiza a escrita (-grafia) ou a descrição da sua própria (auto-) alma (-psico-) em um processo auto-induzido que o coloca na posição de figura intermediária, posta entre o corpo (mundo físico) e a mente (mundo das ideias)⁴. O poeta, sob essa perspectiva, não finge ou mente tudo o que escreve, mas, simplesmente, sente com a imaginação:

Isto

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê!

(PESSOA, 1995, p. 236)

⁴ Os elementos que compõem a palavra “autopsicografia”, segundo o *Dicionário de etimologia da língua portuguesa*, são: 1) auto-, do grego *autós*, “de si mesmo, por si mesmo, espontaneamente”; 2) -psic(o)-, do grego *psychē*, “alento, sopro de vida, alma”; 3) -grafia, do grego *gráphein*, “escrever, descrever, desenhar” (CUNHA, 2010, p. 70, 529, 322). Porém, com relação ao vocábulo grego *psychē*, se tivermos em conta a história da filosofia e o intenso uso do termo – principalmente ligado à metafísica – poderíamos traduzir, seguramente, por “mente”, ou, ainda, como aponta o *Dicionário grego-português*, por “ânimo, coragem”. Parece-nos, no entanto, que, de acordo com o sentido evocado por Pessoa, a melhor tradução seria mesmo “alma” ou – como estamos tratando do fenômeno heteronímico – “almas”.

Como visto anteriormente, para Pessoa, um poeta de segundo grau na poesia lírica já vive “cada estado de alma antes pela inteligência que pela emoção”. Assim, o fingidor-criador sente com a imaginação de forma tão intensa – “tão completamente” - que os leitores, ao lerem a outra dor, “a que eles não têm”, sentem-na com o coração, com a emoção.

O estudo da poesia lírica de substância dramática – dramática, como vimos, porque se aproxima imensamente do drama, ainda que dele não tome forma, e que cada “grupo de estados de alma mais aproximados insensivelmente se tornará uma personagem, com estilo próprio, com sentimentos porventura diferentes, até opostos, aos típicos do poeta na sua pessoa viva” – passa a figurar como elemento chave para a compreensão do processo heteronímico. Pessoa era um mestre da despersonalização dramática, um profissional⁵ em seu ofício de forjar e trabalhar máscaras. Segundo Perrone-Moisés, caberia ao poeta todos os papéis do seu espetáculo – todos as ocupações e todos os feitos:

Teatro, seja. Mas que lugar é o seu nesse teatro? Dramaturgo? Sim. Mas também: personagem, ator, figurinista, cenógrafo, maquinista, diretor, lanterninha, ponto, cenário, bastidores, palco, espectador. E, no dia da estreia, nada está pronto e todos faltam (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 27).

Porém, todo esse “relativo monopólio” pode causar a falsa impressão de centralidade. Definir Fernando Pessoa - ele mesmo⁶, o ortônimo, como

⁵ Sobre esse “profissionalismo”, afirmava o poeta: “Adentro do meu mister, que é literário, sou um profissional, no sentido superior que o termo tem; isto é, sou um trabalhador científico, que a si não permite que tenha opiniões estranhas à especialização literária, a que se entrega. E o não ter nem esta, nem aquela, opinião filosófica a propósito da confecção destas pessoas-livros, tão pouco deve induzir a crer que sou um céptico” (PESSOA, 1966, p. 100).

⁶ Para Perrone-Moisés: Seu nome, seguido doravante por um explicativo ‘ele mesmo’, soa como o heterônimo de algum outro. ‘Ele mesmo’ insta-

núcleo gerador e eixo de todo esse complexo sistema parece tentador, mas seria uma saída demasiadamente simplista frente ao dinamismo profundo da heteronímia. Sobre uma relativa e aparente “primazia”, aponta Perrone-Moisés:

Quem vem antes? Pessoa é o dramaturgo, mas Caetano é seu mestre, e Reis é mais velho do que ele. Quem manda? Pessoa reconhece ter aprendido tudo com Caetano, assim como confessa escrever menos bem do que Reis. E Álvaro de Campos, a criatura, assume um tom desabusado para falar do criador (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 27).

Ainda que José Augusto Seabra tenha sugerido a figura de uma galáxia como metáfora sintetizadora das múltiplas interconexões e do violento câmbio de núcleos no sistema heteronímico, parece-nos que o melhor seria ilustrar todo esse movimento através da figura do próprio universo, originado de um único ponto ou singularidade onde toda a matéria e energia criadora encontrava-se concentrada numa fase densa - expandindo-se em constante inflação cósmica desde de sua explosão primeira - compondo o *universo pessoano*, uma estrutura que transcende ao padrão tridimensional das coisas, sendo concebida dentro de um modelo dimensional quaternário, sem borda ou centro, incluindo às leis do espaço comum (comprimento, largura e altura) a lei do tempo e estabelecendo o ponto de partida dessa expansão como lugar-irretornável:

Quando aquele que empreendeu con- tornar-se a si mesmo, pelo desvio da lin- guagem; tenta voltar para casa, a fim de desfazer a farsa, encontra vazio o lugar onde, em princípio, alguém deveria es- tar. Nesse percurso, o sujeito perdeu-se (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 21).

velmente instalado entre um heterônimo e outro, nos intervalos, no in- terstício, simples “ficção do interlúdio” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 28).

Sobre essa perspectiva, assim como no universo, o único centro possível, ainda que ilusório, seria a posição do observador. Todos os elementos seguem em constante expansão, as órbitas são definidas a partir dos olhos de quem busca. Para Octavio Paz, por exemplo, Caetano é o sol e em torno dele giram Reis, Campos e o próprio Pessoa, mas nada nos impediria de colocar Campos no centro, que tanto se aproxima de Bernardo Soares – talvez até de Vicente Guedes, compondo suas memórias para a recordação do mestre, suas discordâncias para com a sensibilidade “estrandosamente reumática” (PESSOA, 1990, p. 418) de Ricardo Reis e seus ataques ao Fernando Pessoa, “que sente as coisas mas não se mexe, nem mesmo por dentro” (PESSOA, 1980, p. 267).

Assim, nenhum dos heterônimos e nem mesmo o ortônimo é – ele mesmo – o rosto que sustenta as máscaras, mas, “como a passagem de um a outro é imperceptível, cada um deles remete ao outro, e a soma de todos esses *nomes* é o *anônimo*” (PERRONE-MOISES, 1990, p. 30), o inominável, sem forma certa ou medida exata, a que chamamos, por aproximação, *universum*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

LIND, G. R. **Teoria poética de Fernando Pessoa**. Porto: Editorial Inova, 1970.

LOURENÇO, E. **O lugar do anjo: ensaios pessoanos**. Lisboa, Gradiva, 2004.

LOURENÇO, E. “Fernando Pessoa ou o Eu como ficção”. **Metamorfoses**, v. 13 n. 1, 2015, p. 74-78.

MOISÉS, C. F. **O poema e as máscaras: introdução à poesia de Fernando Pessoa**. Florianópolis: Livraria e Editora Obra Jurídica, 1999.

PERRONE-MOISÉS, L. **Fernando Pessoa: aquém do eu, além do outro**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PESSOA, F. Álvaro de Campos: livro de versos. Lisboa: Estampa, 1993.

_____. **Escritos íntimos, cartas e páginas autobiográficas**. Lisboa: Europa-América, 1986.

_____. **Livro do Desassossego por Bernardo Soares**. V. 1. Lisboa: Ática, 1982.

_____. **Páginas íntimas e de auto-interpretação**. Lisboa: Ática, 1966.

_____. **Pessoa por conhecer: textos para um novo mapa**. Lisboa: Estampa, 1990.

_____. **Poemas completos de Alberto Caetano**. Lisboa: Presença, 1994.

_____. **Poesias**. Lisboa: Ática, 1995, p. 235.

_____. **Poemas de Alberto Caetano**. Lisboa: Ática, 1993b.

_____. **Poesias de Álvaro de Campos**. Lisboa: Ática, 1993c.

_____. **Poesias inéditas (1919-1930)**. Lisboa: Ática, 1956.

_____. **Textos de Crítica e de Intervenção**. Lisboa: Ática, 1980.

SEABRA, J. A. **O heterotexto pessoano**. Lisboa: Dinalivro, 1985.

_____. **Fernando Pessoa ou o poetodrama**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

SENA, J. de. **Fernando Pessoa e cia heterónima**. 3.ed. Lisboa: Edições 70, 2000.